

ESTADOS UNIDOS

Kamala garante nomeação

Sem oponente, vice de Biden conquista os votos de delegados democratas necessários para candidatura à Casa Branca

Menos de duas semanas após Joe Biden desistir da reeleição, a vice-presidente dos Estados Unidos, Kamala Harris, garantiu, ontem, a indicação dos democratas para enfrentar o republicano Donald Trump na corrida à Casa Branca. Candidata única, ela confirmou sua notável ascensão como representante do partido ao superar, em menos de 36 horas, o apoio mínimo necessário, numa votação eletrônica que termina na segunda-feira. Kamala será oficialmente nomeada em uma convenção, em Chicago, entre os dias 19 e 22 deste mês.

“É uma honra ser a candidata presumida do Partido Democrata à Presidência dos Estados Unidos”, disse a vice-presidente, 59 anos, indicada pelo próprio Joe Biden para ser sua substituta nas eleições de novembro. Nenhum outro democrata se apresentou para desafiá-la, tornando a confirmação de seu nome apenas uma formalidade.

“Nosso partido enfrentou esse momento sem precedentes com um processo transparente, democrático e organizado para se unir em torno de uma candidata confirmada que nos liderará na luta que temos pela frente”, disse Jaime Harrison, presidente dos democratas.

A ex-procuradora e senadora da Califórnia é a primeira mulher negra e sul-asiática a assegurar a nomeação de um grande partido para concorrer à Presidência. Kamala iniciou as conversas com seus correligionários no mesmo dia em que Biden anunciou sua retirada, há 12 dias. Imediatamente, recebeu o respaldo de figuras exponenciais do Partido Democrata.



Arrecadação

Desde então, mesmo sem a oficialização da candidatura de Kamala, a legenda vem batendo recordes em arrecadação para bancar a campanha. Com Biden, pressionado a desembarcar da disputa à reeleição após uma participação desastrosa no primeiro duelo com Trump, as doações estavam estancadas.

Segundo balanço divulgado ontem, o partido amealhou US\$ 310 milhões (R\$ 1,75 bilhão na cotação atual) em julho, o dobro de Donald

É uma honra ser a candidata presumida do Partido Democrata à Presidência dos Estados Unidos”

Kamala Harris, vice-presidente norte-americana

Trump. Desse total, US\$ 200 milhões (1,03 bilhão) foram arrecadados em menos de uma semana após a desistência de Biden. “É a maior arrecadação de fundos

para as eleições de 2024”, anunciou o comitê de Kamala, em um comunicado à imprensa.

O montante, segundo a nota, foi “impulsionado pelo melhor mês de

arrecadação de fundos de pequenos doadores na história das eleições presidenciais dos Estados Unidos”. A equipe de Trump informou, na véspera, ter recebido US\$ 138,7 milhões (R\$ 786 milhões) no mês passado.

Vice

Hoje, já virtualmente nomeada candidata, ela vai intensificar as conversas com seis possíveis vices, informaram meios de comunicação norte-americanos. A expectativa é ter uma definição no início da

semana. Com uma agenda carregada, a candidata visitará sete estados cruciais e pretende ter a seu lado o companheiro de chapa.

A dupla adversária de Trump deve fazer a primeira aparição pública na terça-feira, na Filadélfia, Pensilvânia — um estado crucial, cujo governador democrata, Josh Shapiro, está entre os cotados para ser vice-presidente.

Kamala Harris vai passar por todos os estados da “muralha azul” — Michigan, Pensilvânia e Wisconsin —, onde tentará reconstruir a coalizão que levou Joe Biden à vitória em 2020.

Ela estenderá a visita aos estados do “Cinturão do Sol”, muito mais diversos racialmente. Em seguida, viajará para o sul, passando por estados como Geórgia, Carolina do Norte, Arizona e Nevada. Lá, Kamala tentará consolidar o voto da população negra e de latinos que estavam se afastando dos democratas.

Ainda na condição de postulante à candidatura, a vice de Joe Biden já lotou arenas e acabou com a vantagem de Trump sobre o atual presidente nas pesquisas, criando um momento favorável. A disputa contra o magnata republicano promete ser difícil, mas os democratas estariam agora em melhores condições para enfrentar o magnata, opinam analistas.

Trump, que sofreu um atentado há três semanas, intensificou seus ataques a Kamala Harris, inclusive acusando-a na quarta-feira de usar o fato de ser negra com motivos eleitorais e forçar seu sotaque. Filha de pai jamaicano e mãe indiana, a democrata é a primeira pessoa negra e asiática a se tornar vice-presidente dos Estados Unidos.

Defesa reforçada no Oriente Médio

O Pentágono informou, ontem, que os Estados Unidos planejam reforçar suas capacidades defensivas no Oriente Médio para proteger as forças norte-americanas e ajudar Israel, neste momento de elevada tensão com a vizinhança. O secretário de Defesa do governo de Joe Biden, Lloyd Austin, comandará múltiplas ações para implementar o projeto, de acordo com a secretaria-adjunta de imprensa do Pentágono, Sabrina Singh.

O anúncio foi feito depois que Irã e seus aliados regionais prometeram adotar represálias pelos assassinatos de um líder do movimento palestino Hamas, em Teerã, e de um comandante do grupo xiita

libanês Hezbollah, em Beirute, alimentando os temores de um conflito mais amplo na região.

O comandante do Hezbollah, Fuad Shukur, foi morto na terça-feira em uma ação que, segundo o governo do premiê israelense, Benjamin Netanyahu, consistiu em uma resposta ao lançamento de foguetes dias antes, nas anexadas Colinas de Golã. A ofensiva do grupo xiita deixou 12 mortos.

Horas depois, o líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, foi assassinado na capital iraniana. O grupo palestino e Teerã atribuíram a morte às forças israelenses. O governo Netanyahu não comentou.

Inicialmente, falou-se que Haniyeh, que viajou a Teerã para a



Em Doha, no Catar, pedido de vingança no funeral de Ismail Haniyeh

cerimônia de posse do novo presidente iraniano, havia morrido num bombardeio. O jornal americano *The New York Times* informou, no entanto, que o líder do Hamas foi vítima da explosão de uma bomba que estava escondida na residência em que ficou hospedado.

Ontem, centenas de pessoas oraram por Haniyeh na mesquita Imam Muhammad bin Abdul Wahhab, a maior do Catar, na cidade de Doha, sob um calor de 44°C. O caixão do líder do Hamas foi coberto com uma bandeira palestina.

Impulsionados pelo aiatolá Ali Khamenei, líder supremo iraniano, países inimigos de Israel estudam uma reação. “Dois cenários

foram discutidos: uma resposta simultânea do Irã e de seus aliados ou uma reação escalonada de cada parte”, disse à agência de notícias France Presse (AFP) uma fonte próxima ao Hezbollah.

Em abril deste ano, Teerã realizou seu primeiro ataque direto em solo israelense, numa operação com drones e mísseis, depois que um atentado atribuído aos sionistas matou oficiais da Guarda Revolucionária, o exército ideológico da República Islâmica, no consulado de Teerã em Damasco. Na época, por determinação do governo do presidente Joe Biden, as forças norte-americanas ajudaram a defender Israel.

TROCA DE PRISIONEIROS

Três agentes russos disfarçados entre os libertados

O Kremlin informou, ontem, que, pelo menos, três russos libertados na véspera, em uma grande troca de prisioneiros histórica com países ocidentais, eram agentes russos disfarçados. Trata-se de um raro reconhecimento público das atividades dos seus serviços de inteligência ultrassecretos.

O acordo diplomático mediado pela Turquia possibilitou, no total, a soltura de 24 presos. Dez russos, incluindo dois menores de idade, foram trocados por 16 ocidentais e russos — alguns deles dissidentes e críticos da ofensiva lançada na Ucrânia, em fevereiro de 2022. Foi a maior permuta realizada entre a Rússia e o Ocidente desde a Guerra Fria.

Moscou admitiu que Vadim Krasikov, que cumpria pena de prisão perpétua na Alemanha pelo assassinato de um ex-líder separatista checheno em Berlim em 2019, era um agente da unidade de elite do Serviço Federal de Segurança russo (FSB).

O presidente Vladimir Putin pressionou publicamente para que Krasikov fosse libertado, enfrentando as resistências de Berlim. O chefe do governo alemão, Olaf Scholz, admitiu na quinta-feira que entregou o preso não foi uma “decisão fácil”. Em contrapartida, Berlim obteve a libertação de cinco cidadãos alemães, alguns com dupla nacionalidade russa.

Elite

Porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, indicou que Krasikov serviu à unidade de elite “Alpha”, ao lado de pessoas que se tornaram guarda-costas do presidente. “Em troca da libertação de um assassino, 16 pessoas inocentes foram libertadas. É um dilema complicado. Incita Putin a fazer outros reféns”, declarou em Bonn, no oeste da Alemanha, Ilia Yashin, um dos opositores russos soltos no acordo.

De acordo com o Kremlin, Artem Dultsev e Anna Dultseva,



Vladimir Putin recepcionou grupo de libertados no aeroporto de Moscou, na noite de quinta-feira: “heróis da pátria”

que retornaram à Rússia com seus dois filhos após serem libertados pela Eslovênia, também eram espíões. O casal chegou ao país em 2017 com passaportes argentinos e vivia em Ljubljana com seus filhos, usando uma

galeria de arte e uma empresa de informática como disfarce.

Os filhos dos “clandestinos” descobriram que não são russos em um voo de Ancara e “não falam russo”, informou Peskov. O termo

“clandestino” é utilizado em referência aos espíões russos que vivem em países estrangeiros durante anos ou décadas, com identidades falsas, recolhendo informações de inteligência para Moscou.

Após pousarem na capital russa na quinta, os filhos de Artem e Anna foram recebidos por Putin no aeroporto. “Nem sequer sabiam quem era Putin. É assim que os clandestinos trabalham, fazendo tais sacrifícios pelo bem de seu trabalho e sua dedicação ao seu serviço”, acrescentou Peskov.

O presidente russo apresentou os três agentes como heróis e agradeceu pelos serviços que “prestaram à pátria”, prometendo conceder-lhes distinções. Para garantir o retorno dos 10 russos, Putin concordou em libertar alguns de seus mais ferrenhos críticos russos, entre eles, ex-colaboradores de Alexei Navalny, o dissidente mais notório, que morreu em fevereiro em uma prisão no Ártico.